

7

O Cenário da FAGAP: sua história

Antes de me reportar à História da FAGAP, retomo alguns fios da narrativa histórica inicial, agora não sob uma forma linear, mas trançando com algumas interrogações que surgiram à medida que eu me inseria na história da própria FAGAP, porque considero que isso contribui para a compreensão do lugar da FAGAP no *espaço das bandas e fanfarras*.

As bandas e fanfarras estão presentes em todos os estados brasileiros e organizadas, em muitos deles, sob forma de federações ou confederações. No Estado de São Paulo, elas atraem especial interesse e, com muita frequência, são apontadas como *modelos*. Ouvi afirmações mais ou menos como as seguintes:

As bandas e fanfarras estão para São Paulo, assim como as Escolas de Samba estão para o Rio de Janeiro.

As Fanfarras daqui [do Estado de São Paulo] são uma referência para todo o país, assim como ninguém vai fazer uma Escola de Samba melhor que os cariocas ou dançar o frevo como os pernambucanos, em nenhum lugar você verá corporações como as nossas.

De fato, não foram poucas as oportunidades em que, nos ensaios da Fanfarra, coreógrafos e músicos, oriundos do Estado do Rio de Janeiro, ali estiveram observando e participando em busca de aprimoramento. Porém, mesmo na *terra das bandas e fanfarras*, estamos no *país do carnaval* e, por isso, raramente são destinadas verbas para as bandas e fanfarras, ao contrário do que ocorre com as agremiações carnavalescas. Embora o carnaval de Lorena, onde está sediada a FAGAP, não tenha projeção significativa fora de seus limites geográficos e, tampouco, fora do período carnavalesco, anualmente – a cada carnaval – é oficialmente destinada, às Escolas de Samba locais, uma verba específica para o Carnaval. Esse apoio que as agremiações carnavalescas recebem é criticado por alguns elementos da Fanfarra, embora alguns deles sejam também adeptos do Carnaval. Para eles, parte dessa verba poderia ser destinada à manutenção e criação de bandas e fanfarras na cidade.

Em Lorena, como em toda a região do Vale do Paraíba, é considerável o número de corporações existentes. A maior parte delas sobrevive às próprias custas, sem um apoio oficial permanente.

No interior do Estado de São Paulo, existe um significativo público, que é atraído pela movimentação em torno dos *campeonatos e concursos*¹ e dos *desfiles cívicos*². Embora não necessariamente esse público se identifique com as bandas e fanfarras, ele incorpora uma – por afinidade, por ter algum parente ou amigo participando, por ser de sua cidade ou pela reunião desses elementos – como sendo *sua*. E acompanha, com entusiasmo, as músicas executadas, sobretudo aquelas que lhe são mais familiares.

O entusiasmo pela Fanfarra leva muitos jovens a procurar integrar o grupo, seja como participante do *corpo musical*, seja como participante do *corpo coreográfico*.

O desfile do *Sete de Setembro* é, possivelmente, o ápice no que se refere à exposição da Fanfarra junto ao público local constituído, sobretudo, por familiares e amigos. Além de, naturalmente, se tornar visível às autoridades presentes, é o resultado de um trabalho desenvolvido ao longo de muito tempo.

No entanto, a viga para a manutenção de grupos como este está na participação em campeonatos e concursos em torno dos quais giram diversos fatores, tanto de origem pessoal – busca de prestígio de participantes e organizadores –, quanto comercial, pois é considerável o mercado que esses eventos movimentam.

Retrocedendo e trançando com a História, embora sejam escassas e divergentes as informações, presume-se que os primeiros certames destinados a bandas e fanfarras foram realizados na Europa.

Talvez os campeonatos tenham começado em Belle Vue, Manchester, a partir de 1853, ou antes, por volta de 1818, na Inglaterra. Mas, se quanto ao seu início não existe um consenso, possivelmente, os certames consolidaram-se a partir da Grande Exposição de Paris, realizada em 1867, quando foi realizado um expressivo *Concurso Internacional* (Lima, 2005; Pereira, 2001; Meira e Schirmer, 2000; Joaquim, 1937).

No Brasil, temos citações de Concursos de Bandas e Fanfarras, realizados em 1908, na Grande Exposição do Rio de Janeiro, na comemoração do Centenário da Abertura dos Portos por D. João VI, que, na mesma época, regulamentou a Banda de Militar em todo o país. Outros concursos foram realizados: em 1922, comemorando o centenário da Independência, e, em 1927, um concurso latino americano (Pereira, 2001, s.p.).

Por essa época, nos anos 20 ou 30, do século XX, foram realizados, nos Estados Unidos, os primeiros concursos escolares de que se tem notícia. Foram promovidos por fabricantes de instrumentos musicais (Pereira, 2001). No Brasil, possivelmente, o pioneiro foi o *Campeonato da Record*, patrocinado pela *Rádio Record* e a *Weril Instrumentos* (Lima, 2005). Concebido nos anos de 1950 para congregar as bandas escolares da capital, com o nome de *Campeonato Colegial de Fanfarras e Bandas*, no final da mesma década já contava com a participação de inúmeros grupos de todo o interior do estado. Frequentemente citado

¹ Utilizo campeonato quando a disputa dá-se entre os primeiros classificados de eliminatórias previstas para tal. Considero *concurso* quando, entre diversos concorrentes, sagra-se um *vencedor*, a partir de uma disputa isolada, realizada em um único dia. Um concurso pode ou não ser uma das eliminatórias de um campeonato.

² Em especial, a *Parada do Sete de Setembro*, por ser realizada regularmente.

Corpo musical - é constituído pelos jovens instrumentistas.

Corpo coreográfico - responsável pela coreografia, que é apresentada durante a execução musical. Adiante, detalharei sua participação na Fanfarra.

por integrantes, sobretudo pelos veteranos, de bandas e fanfarras, esse campeonato, certamente, teve grande peso para a configuração e o prestígio das bandas e fanfarras no Estado de São Paulo³.

A entrada das corporações do interior provocou a necessidade de eliminatórias regionais para se estabelecer quais competiriam na fase final, que permanecia sendo realizada na capital. Pouco a pouco, os grupos do interior aprimoraram a sua *performance* e tornaram-se mais competitivos. Para isso, ocorreram mudanças na sua estrutura.

Antes, estritamente bandas ou fanfarras *escolares*⁴, formadas exclusivamente por alunos de sua *sede*⁵, muitos grupos alteraram seu formato, passando a aceitar estudantes de outras escolas. Essas mudanças foram incorporadas pelo concurso que passou a não mais exigir que todos os integrantes do grupo estivessem *regularmente matriculados* na escola a que o grupo estivesse vinculado. Assim, surgiu o formato *estudiantil*.

Consolidaram-se, também, associações independentes, com estatutos próprios, em geral, mantidas com parcerias e patrocínios. Em algumas cidades, a própria municipalidade, atenta ao atrativo que despertavam, investiram em uma banda própria, municipal, ou apoiavam bandas locais⁶. Essas novas configurações foram tornando as bandas e fanfarras do interior cada vez mais competitivas e, conseqüentemente, mais ambiciosas.

Em 1969, o campeonato foi oficializado pelo governo do Estado, pouco tempo depois passou a constituir o *Campeonato Nacional*. Durante 25 anos consecutivos, a Record realizou esse campeonato, extinto em 1981.

Quase dez anos depois, em 1990, o governo do Estado de São Paulo reeditou o Campeonato Nacional e implantou o projeto Fanfarras e Bandas, pela Secretaria de Esportes e Turismo.

A importância desses concursos está no incentivo e no apoio que dão a todos os músicos, instrumentistas, bandas e fanfarras para que recuperem seu espaço dentro da sociedade e possam mostrar com talento seu trabalho e voltar a alegrar nossos corações (Informativo Weril, mar/abr 92).

7.1

A fanfarra conta sua história

A fanfarra permanece presente como uma prática cultural, com moldes tradicionais. Não se pode afirmar, com certeza, como e por que elas mantêm-se ativas em uma época na qual os jovens são permanentemente visados.

Ela sobrevive porque assume diferentes perfis e representações no decorrer do tempo e em diferentes locais. Graças à tradução que é feita no tempo e no espaço, as bandas e fanfarras, que vemos hoje, conseguem se manter

³ *Informativos Weril* de 1990-1992, relatos de Washington (maestro da FAGAP), complementadas com Pereira (2001), Tiisel (1978) e Lima (2005) que aborda com profundidade os campeonatos de bandas e fanfarras.

⁴ Utilizo aqui a diferenciação feita por Lima (2005) em sua tese.

⁵ A sede, no caso, é a escola que lhe abriga e lhe dá o nome.

Vide Pedrosa, S.M.P.A. Um espaço protegido: música e movimento.

Trabalho apresentado no 1º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. Canoas: ULBRA, 2004

⁶ Esses grupos musicais estão intensamente envolvidos em busca de apoio junto à comunidade, instituições e sobretudo os políticos, os quais, principalmente o prefeito, são constantemente pressionados pelos maestros a apoiarem, com recursos, viagens e despesas de manutenção e aquisição de instrumentos. Ao contrário do que se passa nas metrópoles, em que o *corpo a corpo* dá-se apenas em períodos pré-eleitorais, o do cenário das cidades do interior favorece a proximidade com os políticos locais

O Campeonato da Record, é considerado *a verdadeira escola da maioria dos maestros atuais* (Pereira, 2001, s.p.).

Procurei traçar, a partir de diferentes olhares e enfoques, uma curta história da FAGAP, acompanhando sua trajetória, de seus primeiros tempos aos dias de hoje. Recortei os fatos que julguei pertinentes para meu estudo, procurando me guiar pelos referenciais teóricos que apresento ao longo da tese.

ativas. Diferem em muitos aspectos daquelas que as antecederam, mas delas trazem inúmeros vestígios. Na dinâmica da rede, diversos fatores podem direcionar para seu desaparecimento, mas outros surgem contribuindo para sua manutenção.

... o destino das coisas que dizemos e fazemos está nas mãos de quem as usar depois. (...) Deixados à própria mercê, uma afirmação, uma máquina, um processo se perde. Atentando apenas para eles, para suas propriedades internas, ninguém consegue decidir se são verdadeiros ou falsos, eficientes ou ineficientes, caros ou baratos, fortes ou fracos. Essas características só são adquiridas pela **incorporação** em outras afirmações, outros processos e outras máquinas. Essas incorporações são decididas por nós, individualmente, o tempo todo. Confrontados com uma caixa-preta, tomamos uma série de decisões. Pegamos? Rejeitamos? Reabrimos? Largamos por falta de interesse? Rebuscamos a caixa-preta apropriando-nos dela sem discutir? Ou vamos transformá-la de tal modo que deixará de ser reconhecível? É isso que acontece com as afirmações dos outros em nossas mãos, e com **nossas** afirmações em mãos dos outros. Em suma, a construção de fatos e máquinas é um processo **coletivo**. Essa é a afirmação na qual espero que **você** acredite; o destino dela está em suas mãos tanto como o destino de outras afirmações [grifos do autor] (Latour, 2000, p.52-53).

A expressão *caixa-preta* é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai. (Latour, 2000, p. 14)

Essas afirmações parecem transparecer no seguinte depoimento:

*Primeiro foi a apresentação em Parati, lá em Parati, e depois teve o primeiro concurso em Queluz. Foi adrenalina a mil... muito bom sabe. (...) sabe, **você está com aquela vontade, você quer fazer de tudo para sua fanfarra ganhar.*** [Wilson]

A história e as histórias da FAGAP

Não existe um registro sobre a História da FAGAP – *Fanfarra da Escola Gabriel Prestes*. Se agora apresento uma breve narrativa de sua História, tomo por base as memórias que emergiram durante entrevistas e conversas casuais e que me permitiram conhecer um pouco de seu percurso.

Nela, certamente, estão emaranhados valores, atitudes, contradições, visões de mundo... Afinal, “*a memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo*” (Bosi, 2003, p. 53). Assim, apresento enredadas algumas histórias que constituem a História da FAGAP, de sua concepção aos dias de hoje.

Na História da FAGAP, estão presentes elementos comuns a histórias de outras fanfarras⁷,

⁷ Pelo contato com integrantes de outras fanfarras, pessoalmente ou por Internet, bem como de consulta a livros, teses, artigos, sites especializados, etc. – alguns referenciados ao longo do texto – pude observar, no discurso sobre a história de cada fanfarra, a presença desses elementos comuns.

A memória comum para o espaço de uma determinada cultura é assegurada, em primeiro lugar, pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, pela unidade dos códigos, ou por sua permanência, ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação (Lotman, 1996, p. 157).

Porém, cada Fanfarra tem sua História e muitas histórias a contar...

Primeiros Toques

Em 1991, a Profa. Arlete, chamada por todos de D. Arlete, então diretora da Escola Gabriel Prestes, idealizou e constituiu a base da FAGAP.

Quando a entrevistei, ela assim se apresentou⁸:

Sou professora de piano. Dei aulas no Conservatório de Lorena. Sempre gostei de música. Música é algo divino!

Apaixonada por música, D. Arlete iniciou seus estudos de música aos 7 anos, prosseguindo até concluir o curso de piano.

Da sua infância, D. Arlete guarda uma forte impressão de uma fanfarra que, durante muito tempo, se destacou na vida da cidade e é um marco em muitas gerações de lorenenses⁹: a *Fanfarra do Colégio São Joaquim*:

Aqui, em Lorena, havia a Fanfarra do São Joaquim... Eu babava com aquela Fanfarra. Isso era quando eu era menina...

Ao que parece, esse encantamento de D. Arlete não diminuiu com o passar dos anos. Quando assumiu pela primeira vez a direção de uma escola, pensou na possibilidade de organizar uma fanfarra. Entretanto, logo percebeu que a localização da escola onde estava lotada dificultava a estruturação de uma fanfarra. Localizada em Santo Antonio do Pinhal, naquela época, ela percebeu que não teria os meios necessários para levar avante a sua idéia. Tempos depois, diretora em uma escola na cidade de Piquete, ela começou a cogitar meios para constituir uma fanfarra. Mas não foi ainda dessa vez que a idéia seguiu avante.

Apenas ao assumir a direção da Escola Gabriel Prestes, em Lorena, que essa possibilidade despontou com força, graças a sua presumida viabilidade. Isto teve lugar em 1991, quando do apogeu da fanfarra de uma outra escola da cidade – a Conde Moreira Lima.

A Fanfarra do Conde era um espetáculo, quem estava lá nessa época -1991 - era o Washington. Aí eu comecei a me interessar por aquela Fanfarra... [D. Arlete]

No início dos anos 1990, as bandas e fanfarras passavam por um período de grande visibilidade, devido à

A memória comum para o espaço de uma determinada cultura é assegurada, em primeiro lugar pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, ou pela unidade dos códigos, ou por sua invariância, ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação. Lotman, 1996, p. 157).

⁸ A Profa. Arlete solicitou que eu não gravasse sua entrevista, por isso, tomei notas e procurei, logo após, reconstituir ao máximo a estrutura de suas falas.

⁹ No estudo exploratório que fiz sobre a Representação Social da fanfarra, registrei o seguinte depoimento de uma moradora de Lorena: *Era lindo o S e o J bordado, aquilo tudo branquinho... era destaque, (...) era um espetáculo, em Lorena não tinha pra eles... Vide Cap. 4.*

valorização e consolidação de competições com a retomada dos concursos, agora promovidos pelo Estado¹⁰. Isso reacendeu o interesse pela criação de inúmeras bandas e fanfarras, nos moldes do que acontecera nos tempos do *Concurso da Record*. Havia, portanto, uma *referência*¹¹ que favorecesse a consecução de seu projeto.

No entanto, competições não faziam parte dos objetivos de D. Arlete ao conceber a Fanfarra. Na época, sua perspectiva era outra e que ela mesma a resume em dois pontos:

1. Proporcionar uma opção de atividade para os alunos de sua escola, pois observara que *“muitas crianças - que estudavam na Escola Estadual - ficavam na rua. Um monte delas...”*

2. Formar um grupo musical que acompanhasse a Escola Gabriel Prestes no desfile cívico. *“Na verdade, no início, o objetivo era o Sete de Setembro, estruturamos uma Fanfarra que não tocava nada... Mas era o começo!”*

Para concretizar a aspiração de uma fanfarra para a Escola Gabriel Prestes, ela procurou o apoio junto ao 5º BI - 5º Batalhão de Infantaria¹², organização militar do Exército, na qual se encontra uma das mais tradicionais e prestigiadas bandas militares do país¹³.

Ainda é D. Arlete que nos conta que foi ao Batalhão e solicitou *um soldado para ajudar*¹⁴. Seu pedido foi aceito por um dos músicos da Banda e, logo depois, iniciava-se a estruturação da Fanfarra.

“Aí veio o Chiquinho¹⁵. (...). Ele era muito bom!”

Mas apesar disso, ele não era talhado para aquele tipo de atividade, pois não tinha a paciência necessária para lidar com aqueles aprendizes mirins. Mesmo assim, permaneceu entre um e dois anos na Fanfarra. Quando não pode mais permanecer, *“veio um civil, mas não deu certo...”* Mas D. Arlete não me diz o porquê.

Talvez, por isso, novamente ela solicitou apoio ao Batalhão. Nessa ocasião, foi o Cb Agnaldo¹⁶ que assumiu a Fanfarra. Apesar de ter ficado pouco tempo frente à Fanfarra, ele mantém, ainda hoje, proximidade com o *universo de bandas e fanfarras*, apoiando, de forma indireta, a FAGAP¹⁷.

A Fanfarra, no seu início, não era conhecida como FAGAP, apenas como *Fanfarra do Gabriel Prestes*. Era, como descreve o Sgt. Agnaldo, muito diferente da que é hoje:

Naquele tempo que eu estava aqui, entre 94 e começo de 96, era uma coisa simples mesmo, era a fanfarra simples, aquela coisinha de puxar a escola no dia Sete de Setembro. Se não me engano, eram 4 marchinhas que a gente tocava, fazendo jogos de cornetas simples. Era um dobradinho que chamava Corriola, outro que se chamava Primavera e os outros dois não tinham nome. Eles mesmos colocaram o nome: Primeiro Toque e Segundo Toque. Era uma coisa bem, bem simples mesmo, básica...

¹⁰ Sobre o apogeu dessas competições no Estado de São Paulo, pode-se consultar Lima (2005) o Informativo Weril n.80 e Miranda (2000).

¹¹ *Referência* no sentido que lhe dá Latour “ (Latour. 2001, p. 354).

¹² Hoje 5º BIL – 5º Batalhão de Infantaria Leve.

¹³ Em 2006, a Banda do 5º BIL completou 50 anos de atividade ininterrupta.

¹⁴ Possivelmente, no Brasil, o costume das escolas requisitarem a participação de militares para a organização e coordenação de bandas e fanfarras teve sua origem nos primeiros anos da República, pois, neste período, músicos militares foram oficialmente destinados a essa atividade.

¹⁵ Forma carinhosa como a Profa. Arlete refere-se ao Sgt .Esteves, primeiro responsável pela Fanfarra.

¹⁶ Atualmente sargento-músico, permanece na Banda do 5º BIL.

¹⁷ Compõe, participa de oficinas, assiste a alguns concursos e procura estar a par do trabalho da FAGAP.

Era como se fosse um embrião. Tínhamos apenas cornetas lisas em Fá e Si bemol – uma corneta lisa é tipo dessa usada no Exército, não tem nada. Não tem recurso nenhum. E duas tubas. A maioria dos instrumentos era percussão, mas aquela percussão antiga ainda: bumbo, surdos, caixas e pratos.

Os instrumentos eram apenas vinte e cinco, e não havia o corpo coreográfico. A Fanfarra não possuía um uniforme específico: seu uniforme era o mesmo utilizado no cotidiano escolar.

Para Agnaldo, “o que diferenciava a Fanfarra da escola é que a Fanfarra fazia barulho e o resto da escola não. [risos]”, o que corrobora a relação barulho-fanfarra feita por um morador de Lorena, quando por mim interrogado¹⁸.

Agnaldo permaneceu diretamente ligado à Fanfarra até o início de 1996, quando mais uma vez D. Arlete precisou buscar um novo regente para a fanfarra.

Nessa oportunidade, foi o Cabo Washington, o atual regente da Fanfarra e também músico do Batalhão¹⁹, que assumiu o posto.

¹⁸ Considero interessante lembrar a frase de um dos vizinhos da fanfarra: *Se você for ouvir a fanfarra, é bom levar um tapa-ouvido!* (Vide Cap. 4)

¹⁹ Sargento-músico da Banda do 5º BIL

Uma nova pauta para a Fanfarra

A ida de Washington para a Fanfarra do Gabriel Prestes foi possível devido a uma divergência que culminou com o seu desligamento da Fanfarra da Escola Conde Moreira Lima. “*Então entramos em entendimento*”, diz D. Arlete. E prossegue:

A diferença do Washington com os outros é que ele é apaixonado... A Fanfarra está em primeiro lugar na vida dele, na frente de tudo. Aí começamos o trabalho pra valer.

Foi em nome dessa paixão que, ao assumir a Fanfarra, Washington trouxe mudanças. E não foram poucas!

A primeira, fundamental, por ser a desencadeadora das demais, relata Agnaldo “*foi que ele trouxe uma outra mentalidade que, por aqui, não existia ainda*”.

E, logo, prossegue seu antecessor, as mudanças foram observadas concretamente com a introdução “*das cornetas com recurso, com gatilho*²⁰, desde então, a FAGAP foi evoluindo, evoluindo, evoluindo...”

Mais do que a introdução de cornetas com gatilho na Fanfarra, a mudança de mentalidade logo pode ser sentida em diferentes aspectos, que culminaram com uma notável evolução da Fanfarra.

Despontava um novo objetivo, que embora não entrasse em conflito com aqueles iniciais apresentados por D. Arlete, modificaria toda a dinâmica da Fanfarra: a participação em diversos certames.

Isso resultou, de imediato, em uma diferença fundamental: elevar a qualidade da execução musical do grupo. Para isso, prossegue Agnaldo, assim que Washington assumiu o grupo

²⁰ O gatilho é um tubo corrediço que permite que abrindo-se o gatilho, seja executada a nota meio tom abaixo da original. Isso permite que aumente o número de notas executada por cada corneta. Vide Cap. 8

...foram contratados professores para darem aulas de embocadura, sonoridade... Enfim, postura do instrumento, o que é muito importante para o aprimoramento musical do grupo.

Sem a embocadura correta, o iniciante, muitas vezes, sequer consegue emitir um som de seu instrumento.

Rafael – integrante da Fanfarra nessa época e hoje o segundo maestro – também lembra essa fase.

Vinha uma pessoa para treinar cada naipe, eram pessoas do quartel, o Gilberto²¹, por exemplo. Um pessoal que agora é sargento, sempre vinha esse pessoal para preparar cada naipe.

²¹ Músico do 5º BIL

Tempos depois, os próprios integrantes da Fanfarra, os mais experientes, assumiram esse papel. Prossegue Rafael:

Eu fui ficando e o Felipe Tróglio²² também ficou algum tempo. Nós mesmos passávamos os napes... tínhamos a nossa própria idéia. “Ah! Vamos acertar tal naipe assim.” Então já não dividíamos mais, a gente ia lá, dava um ensaio pro naipe, o que a gente faz até hoje.

²² Hoje sargento músico da Aeronáutica.

O chefe de naipe acaba sendo responsável pelo naipe, mas na hora de acertar mesmo a articulação, a dinâmica da música, aí é a pessoa que está na frente [ou seja do regente].

Outros colaboradores como, por exemplo, João Bosco – hoje o locutor oficial da Fanfarra – também presente nos primeiros tempos dessa nova fase relata:

Cheguei aqui com ele, pegamos desde o início. Quando nós chegamos, a fanfarra já existia, mas não era assim... Era uma coisa toda misturada, todo mundo tocava de qualquer jeito. Nós fomos ensinando, Washington foi ensinando, fui ajudando, ensinando a marchar... E aí está! Essa fanfarra que é hoje o que é... Eu é que me sinto orgulhoso de fazer parte dela.

A Fanfarra do Conde enfraqueceu com a saída de Washington e teve início seu declínio, que culminou com sua extinção²³. Aos poucos, vários de seus ex-componentes passaram a integrar a Fanfarra do Gabriel Prestes.

²³ Tempos depois a Fanfarra da Escola Conde Moreira Lima foi reestruturada, estando ativa atualmente.

Fui da fanfarra do Conde. Quando ela acabou, fiquei mais ou menos 2 anos sem tocar em fanfarra nenhuma. Depois, alguns amigos me convidaram para vir para cá. Eu acabei vindo e agora estou aqui. [Luiz]

Eu comecei com Washington tocando no Conde, toquei na fanfarra do Conde quando eu era criança. Em 2000, quando a fanfarra de lá acabou, ele me trouxe para cá.. [Edu]

Eu tocava no Conde também, (...) depois ele me chamou praqui. [Pat]

Para os integrantes mais antigos, foi Washington quem *deu vida* à Fanfarra, pois, com a sua participação, o grupo estruturou-se e passou a participar de diferentes campeonatos.

Com a *nova mentalidade* da Fanfarra, também surgiram novas demandas:

Começamos a pensar em aumentar um pouco, pensar em uniforme. Eu pedia verba – vinha pouco – e comprávamos um ou outro instrumento. Ah! Nosso primeiro kit veio da Delegacia de Ensino. Como disse, alguma verba ia dando para um instrumento, tínhamos uma cantina, o que também ajudava, saía alguma ajuda de lá. [D. Arlete]

Hoje os instrumentos utilizados na Fanfarra já não se limitam às cornetas lisas a que Agnaldo se referiu. Ele mesmo observa que

as cornetas usadas hoje pela FAGAP tem um gatilho que fazem a corneta além de dar as cinco notas dela, comuns, dão mais cinco ainda. Então, aumenta a gama de notas, aumenta consideravelmente, o dobro. E... a Fanfarra hoje, usa corneta em Mi, corneta em Ré, em outros tons.

Além da grande diferença observada nos instrumentos de sopro, também a percussão evoluiu muito, pois *“hoje, (...), 50% do efeito musical da FAGAP é a percussão. E todos eles tocam por música”*, completa Agnaldo.

Nessa nova pauta, a roupa usada no dia-a-dia da escola seria deixada de lado para os desfiles, a fanfarra teria um uniforme próprio. É D. Arlete quem recorda:

O primeiro uniforme — lembro-me bem —, fomos comprá-lo nas Pernambucanas... Nas Pernambucanas, alguém nos facilitou. A Teresinha — acho que ela ainda trabalha na escola — ajudou muito. Pagamos uma pessoa para fazer, experimentamos.

Deixavam o uniforme lá na escola, porque se levam para casa, ele pode não voltar...

As cores do uniforme? Não me lembro quais são agora... nem quais eram... Mas vou pegar uma foto!

Nessa ocasião, ela me apresentou uma grande foto emoldurada, protegida por um vidro. No verso os *autógrafos* dos participantes de então.



Fig. 23 – Quadro - lembrança



Fig. 24 – Quadro de D. Arlete

*E as cores? Vimos na foto que eram Azul e branco!*²⁴

Foi com Washington à frente que a *Fanfarra do Gabriel Prestes*, agora já conhecida como FAGAP, ingressou no mundo das competições. Os campeonatos deram maior visibilidade à fanfarra e reforçaram o sentimento de pertença à cidade, uma vez que ela transita em outros lugares “*levando o nome de Lorena*”, como dizem muitos de seus integrantes.

Para D. Arlete, esse é um mérito do atual regente:

Washington chegou apaixonado... Sempre inventa moda... Grande parte do sucesso da Fanfarra está na garra dele. Aí começou a luta pela conquista de títulos. Acho isso importante, o envolvimento da comunidade. Nos primeiros concursos, já ficávamos em 2º lugar...

Foi firmando, crescendo e hoje é o que é! Teve sorte, foram muitos os prêmios. Cada troféu eu expunha, colocava carta, colocava faixa. Coloquei tudo na frente, na entrada da Escola. Tinha muito medo de sumir algum. Eles eram lindos... Tem que cuidar, conservar. Aquilo tudo é um patrimônio da Escola. O Gabriel Prestes é um orgulho de Lorena. Eu mesma estudei lá.

Ao que parece, utilizando a terminologia de Lima (2005), a Fanfarra deixava de ser *escolar* para galgar os primeiros passos para tornar-se, em alguns aspectos, *estudentil*.

... bandas estudantis são aquelas que (...) mesmo sediadas em uma só escola (estadual, municipal ou outra) ou , em alguns casos, com sede em espaço independente de uma escola, atendem a estudantes de várias instituições de ensino e apresentam considerável independência na tomada de decisões (inclusive de participarem das competições de bandas). Neste sentido, em termos administrativos, não dependem somente de suas respectivas instituições-sedes [sic] para aquisição de recursos, pois gozam de liberdade econômica, buscam apoio de empresas-públicas e (ou) privadas – e recorrem, sempre que julgarem necessário e conveniente, às festas beneficentes e (ou) outros meios alternativos para aquisição de dinheiro. Diferem, portanto das (...) bandas escolares,

²⁴ Hoje as cores do uniforme da Fanfarra são: vinho e branco.

que geralmente são fanfarras tradicionais, administradas de uma forma mais fechada no âmbito de cada escola mantenedora, atendendo alunos de uma única escola, sem iniciativa para a busca de patrocínios de empresas e (ou) recursos alternativos com o poder de decisão submisso (ou quase totalmente submisso) à administração da escola que a sedia (Lima, 2005, p. 3).

Com o tempo, outras idéias surgiram. Ao que parece, não apenas Washington era *apaixonado*. Também D. Arlete que, a essa época, vislumbrando novos horizontes, já visava a outros objetivos:

Eu inventei de gravar um CD. Mas era muito caro na época. Fomos ver uma empresa em Taubaté. Foi três mil na época. E ainda havia um problema: onde gravar? O São Joaquim²⁵ pediu quinhentos reais... Caro! Fui ao quartel e o Cel. Rocha Paiva²⁶ colocou o quartel à disposição em um domingo. Não se pagou nada. O CD foi gravado na sala da banda em um domingo. Ficou bonito, mas CD é complicado. Por causa da lei dos direitos autorais não pode ser colocado à venda. Tem que ter aval dos compositores. Fizemo-lo para ficar como recordação dos alunos. Fiquei com a matriz. Fiquei com medo e, por isso, guardei a matriz. Tinha "A Banda"... O Chico Buarque retrata bem.

²⁵ Colégio São Joaquim, escola particular de Lorena mantida pelos Salesianos.

²⁶ Então comandante do Batalhão de Infantaria (5º BIL)

Anos depois, foi produzido um novo CD, dessa vez a gravação se deu durante uma apresentação, no auditório do Colégio São Joaquim, no final do ano de 2002. Ela só foi possível porque foi realizada a preço de custo. A mãe de um dos integrantes da Fanfarra contou-me que, profissionalmente, seria impossível arcar com tal despesa, mas que um primo seu colaborou na gravação. As cópias do CD foram realizadas por seu filho, bem como a impressão das capas e do rótulo do CD. Estes CDs foram vendidos apenas a *integrantes e simpatizantes da Fanfarra*, como uma forma de obter recursos para a participação em eventos fora da cidade.

Muitos integrantes da FAGAP são ex-alunos ou estudantes em outros colégios da rede pública; uns já concluíram o Ensino Médio e alguns ingressaram no Ensino Superior.

Esse fato chamou-me a atenção, o de que os integrantes da FAGAP não são necessariamente alunos da Escola Gabriel Prestes. Isso é fato desde a sua formação, embora, inicialmente, eles fossem de faixa etária mais baixa. Como afirmou Agnaldo:

Naquela época, já existiam alguns meninos que ouviam os ensaios que fazíamos aqui; eles ouviam, vinham, pediam para entrar. E entravam!

Porém, observei que, ao longo dos últimos anos, vem se acentuando a redução do número de alunos entre os integrantes da Fanfarra. Por isso, questionei sobre esse fato a Rafael, que me respondeu com naturalidade:

Olha é relativo, porque as fanfarras aí pelo país têm o nome da escola, fanfarras fulano de tal, só que é impossível você manter só alunos da escola, porque você está progredindo e se você mantiver só assim alunos da escola, tipo assim saiu da escola daí vai sair da Fanfarra, então você não consegue progredir tecnicamente, você vai chegar àquele ponto que o grupo que você tinha legal saiu e então você vai ter que começar de novo, vai ficar aquele trabalho de vai-e-vem. As diretoras que foram vindo gostaram da Fanfarra (...) elas sabem da realidade, que aluno da escola hoje não tem, se tiver dez, tem muito.

O percurso da Fanfarra aponta que, embora hoje ela continue a participar, com grande entusiasmo, do *Sete de Setembro*, ela já não se identifica com sua primeira configuração, como atesta Rafael:

*Existem fanfarras que são mais para puxar a escola no Sete de Setembro mesmo ou algum outro desfile. **Elas são formadas para isso.** (...) Existe fanfarra no país assim. **São formadas para desfilar no Sete de Setembro ou em uma data legalzinha para a fanfarra, colocam a fanfarra para puxar a escola.** É diferente do estilo da fanfarra aqui.*
[destaques meus]

Modulando: mudanças no tom

Nos primeiros tempos da Fanfarra, ela era formada apenas por meninos que participavam do *corpo musical*. Com a chegada de Washington, foi formado um *corpo coreográfico*, com algumas meninas. E durante algum tempo, embora não houvesse uma *regra formalizada*, os meninos que ingressavam na FAGAP, assim como em muitas outras fanfarras, participavam do *corpo musical*, e as meninas, do *corpo coreográfico*. Mas, logo depois, essa *regra* de acesso foi rompida.

No *corpo musical*, duas irmãs são apontadas como pioneiras pelos integrantes mais antigos e pelo próprio maestro Washington. Mas há quem se lembre de que elas foram precedidas por outras, cuja passagem foi tão rápida que ficou somente na lembrança de poucos.

... antes delas, no comecinho da Fanfarra tinha meninas, mas elas saíram, bem no comecinho tinha, entraram comigo... Inclusive tinha duas meninas na corneta e, depois, uma que tocava cornetão. Tinha menina sim, mas elas foram saindo... Ficou uma boa fase sem menina, de 96 pra frente, se não me engano. Só depois com elas é que voltaram. [Rafael, 22 anos]

As duas irmãs ingressaram no *corpo musical* em 1998. Uma delas, Stephanie, permanece na Fanfarra até hoje. Ela relembra como se deu sua entrada e que seu objetivo inicial era outro.

*Foi minha mãe que viu a fanfarra, acho que foi em um desfile que ela viu. Ela falou assim: vocês poderiam entrar. A gente fazia GRD²⁷ mas tinha saído, então ia ficar sem fazer nada mesmo. Aí ela falou: tem a fanfarra, vocês não querem conhecer?
Viemos assistir ao ensaio, só que eu queria ser baliza, eu não queria tocar. Falei para minha mãe: eu não quero tocar aquele negócio esquisito lá, a corneta.*

²⁷ Ginástica Rítmica Desportiva. Nas referências, sobretudo orais, usualmente são apenas empregadas as iniciais.

Mas, naquela época, não havia vaga para baliza e, por isso, ela resolveu ficar por perto na espera de uma possível vaga.

Nem pensei em entrar na Linha de Frente, eu queria ser baliza, mas não tinha vaga... Não deu, vim para cá... [para o corpo musical] Eu entrei na aulinha e fui fazendo... Eu achava superdifícil ler partitura... aí eu peguei e comecei a estudar, então eu gostei, gostei de tocar.

A entrada das meninas no corpo musical trouxe mudanças no comportamento do grupo e no do próprio maestro.

A entrada das meninas mudou, não foi coisa pouca não. Quando eram só homens, era um tratamento mais rígido, tipo um negócio de Exército mesmo, bem dizer, um negócio mais sério, mais no pé da letra. Era pior que no Exército, chegava um certo ponto que era pior que o Exército, porque ele pegava pesado com a gente ali. [Flávio, 24 anos]

A mudança foi gradual, no início, quando eram apenas as duas,

... quando a fanfarra tocava mal, ele pedia para as 2 saírem, elas saíam e ele xingava... Depois foi entrando mais e se ele pedisse para as meninas saírem, acabava a Fanfarra e ele foi mudando... [Eduardo, 16 anos]

... o ambiente foi ficando mais harmonioso, mais tranqüilo, deixando a rédea mais solta para a gente ali. [Flávio, 24 anos]

Além da entrada das meninas no corpo musical, deu-se a entrada dos rapazes no corpo coreográfico. O primeiro deles foi Tota, hoje coreógrafo do grupo.

Antes de participar da FAGAP, ele fazia parte de uma Banda Marcial na própria cidade, portando a Bandeira do Brasil.

*... fiquei uns meses nesse pelotão da Bandeira Nacional e eu via aquele corpo coreográfico, lá na frente se apresentando com aquelas coreografias.
E eu achava interessante. Eu queria fazer parte daquilo, mas até então os rapazes não faziam parte daquilo, eram só as moças.
Quando acabou a Banda Marcial de Lorena (...) eu conheci o W e ele me convidou para participar dessa Fanfarra (...) mas eu não queria mais carregar a Bandeira Nacional. Ele falou que podia, porque até então eu era limitado aqui dentro da cidade, eu não conhecia outras coisas.*

Ele falou que podia sim, porque eles já iam para alguns concursos aqui da região e tinham rapazes que participavam, então aqui [ênfatisa] em Lorena que a gente não conhecia isso. (...) e eu comecei a participar como integrante do corpo coreográfico.

Quando a diretora dá o tom

Quando conheci a FAGAP, D. Arlete ainda era a diretora da Escola Gabriel Prestes. O período em que comecei a acompanhar a Fanfarra, início de 2003, coincidiu com a aposentadoria de D. Arlete.

Mas, quando saí, saí de mansinho, não gosto de “oba-oba”. Acho que o que devo fazer, devo fazer durante. Mas avisei ao Washington que estava me aposentando, a Fanfarra era a minha menina dos olhos...

De fato, a saída de D. Arlete foi discreta. Até hoje ela mantém-se reservada em relação à FAGAP. Desde que se afastou da direção da Escola Gabriel Prestes, ela *vem acompanhando a FAGAP à distância*, não tendo comparecido a nenhum dos eventos de que Fanfarra participou.

Como sua saída da direção deu-se logo após o início de minha pesquisa, acompanhei forte expectativa o futuro da Fanfarra. Se por um lado parecia que se tornariam mais independentes, por outro, o apoio da nova diretora era incerto. E se a Fanfarra acabasse? Os rumos de minha pesquisa mudariam.

A diretora que sucedeu D. Arlete, vi apenas uma vez. Foi na inauguração do *Centro Cultural de Lorena*²⁸. Depois de algum tempo, saiu para concorrer ao cargo de vereadora e foi substituída pela Profa. Abigail.

Dessa nova diretora, a Fanfarra recebeu um considerável apoio para a busca e a obtenção de recursos que viabilizassem a sua participação em diferentes eventos e certames. Tive oportunidade de conversar com ela e percebi seu grande interesse pelo grupo. Mas ela foi transferida, pois não era efetiva naquela escola.

Sua saída aconteceu poucos dias antes da apresentação da Fanfarra, no final do ano de 2004. Na ocasião, a Fanfarra lhe prestou uma homenagem e deu as boas vindas à Profa. Dulcinéia, que lhe sucedera no cargo.

Observei a presença da Profa. Dulcinéia, que permanece como diretora da Escola Estadual Gabriel Prestes, em diferentes apresentações da Fanfarra em Lorena. Conversamos em algumas dessas ocasiões. Tive ainda a oportunidade de encontrá-la – e com ela conversar mais longamente – quando compareceu a uma apresentação da FAGAP na cidade do Rio de Janeiro.

Se a figura da diretora interfere na Fanfarra? Não foi necessário perguntar. No convívio com a Fanfarra, observei que sim, o que, de modo espontâneo, foi confirmado por um depoimento:

²⁸ Ocasão em que a FAGAP fez uma apresentação pública.

... depende muito da diretora. (...) **Depende muito, porque a Fanfarra é o que é hoje porque tinha uma diretora que levou mesmo**, que levou a Fanfarra e dizia vamos fazer a Fanfarra campeã, levou contra professor, contra tudo... Porque tem professor que não gosta, (...) Foi a primeira diretora, foi a D. Arlete, então ela que levou... **Então a Fanfarra é isso que é hoje por causa dela**, porque ela “não, eu vou levar”, colocou muito dinheiro aqui, porque no começo a gente precisava muito de dinheiro e a gente deu sorte porque as diretoras que foram vindo, gostaram da Fanfarra. [Rafael, 22 anos]